Gênero, Comunicação e Universidades: as perspectivas do estudo de gênero em Universidades do Rio Grande do Sul[1]

Amanda Letícia Pies[2]

Ana Julia Rodrigues[3]

Carolina Alegretti de Souza e Silva[4]

Milena Freire de Oliveira-Cruz[5]

Resumo

O presente artigo discute sobre a invisibilidade dos estudos de gênero nos cursos de graduação no estado do Rio Grande do Sul. A partir de um recorte que contempla 16 instituições públicas e privadas, realiza um levantamento das disciplinas que abordam a temática de gênero em suas grades curriculares, um mapeamento do número de professores e professoras de cada curso analisado e dos grupos de pesquisa que abordam questões de gênero. Entre os dados coletados, destaca-se o reduzido número de disciplinas relacionadas a gênero e diversidade nos currículos, mesmo em período de desenvolvimento de pesquisas que abordam a temática no campo em todo o país, o que sugere a necessidade de estimular o debate na formação em âmbito regional.

Palavras-chave

Gênero; Universidade; Comunicação; Rio Grande do Sul.

---

[1] Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT) Tecnologias digitais, gênero e diversidade do XVI Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade Federal de Santa Maria/RS, realizado nos dias 27 de novembro a 01 de dezembro de 2023.

[2] Acadêmica de Comunicação Social - Relações Públicas - Universidade Federal de Santa Maria - Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC - CNPq) - amanda.pies@acad.ufsm.br

[3]Acadêmica de Comunicação Social - Produção Editorial - Universidade Federal de Santa Maria - Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC - CNPq) - ana.julia@acad.ufsm.br

[4]Acadêmica de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda - Universidade Federal de Santa Maria - Bolsista de Iniciação Científica (FIPE Sênior - UFSM) - silva.carolina@acad.ufsm.br

[5] Professora do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Federal de Santa Maria - milena.freire@ufsm.br

1. Introdução

Os meios de comunicação são um espaço privilegiado para fomentar debates e reflexões sobre questões chave do tempo atual, podendo impulsionar movimentos, sensibilizar pessoas, gerar conhecimento e possibilitar mudanças sociais concretas (CALHOUN, 2012). Nesse sentido, pensando na responsabilidade social do profissional em comunicação, é importante que as discussões de gênero e diversidade estejam presentes ao longo da formação.

Os estudos de gênero e diversidade são cruciais para compreensão das esferas sociais, culturais e midiáticas e suas complexidades, e, no entanto, tais abordagens ainda são pouco desenvolvidas no campo acadêmico das universidades brasileiras.

O fato de que as mulheres, ao longo da história, se dão como minoria no campo da produção científica, exemplifica o motivo pelo qual as questões relacionadas à gênero e diversidade são recentes no campo acadêmico.

> A inclusão da perspectiva feminista na história das ciências é, portanto, uma revindicação que se estende desde a participação efetiva das mulheres no campo, até os movimentos de resistência ao conhecimento hegemônico e de defesa do conhecimento múltiplo, engajado e situado. São dinâmicas que se sustentam no âmbito epistemológico e também na problematização das lógicas de produção e legitimação do saber científico (OLIVEIRA-CRUZ e WOTTRICH, 2023, p. 146)

De acordo com Ana Carolina Escosteguy e Márcia Messa (2008), os primeiros estudos relacionados a gênero no campo da Comunicação no Brasil surgem na década de 1990, sendo todos produzidos na região Sudeste e tendo enfoque na produção . No entanto, foi nesse período que a comunicação passou a ser vista como um processo de interação em que o receptor também tinha a participação ativa sobre a construção de sentidos daquilo que lhes era comunicado (ESCOSTEGUY e MESSA, 2008). No cenário atual, as questões relativas à gênero e diversidade são muito mais debatidas em sociedade.

> Hoje os estudos de gênero têm uma grande força, o movimento feminista e os diversos feminismos ganharam destaque, a Primavera feminista, vivida entre 2014 e 2015, marcou um antes e um depois em nossa história. A

> Internet e as redes sociais permitem uma ampla troca de informações e experiências e fortalecem os movimentos sociais e suas demandas no mundo virtual e nos diversos espaços físicos. (AYRES, 2022, p. 272.)

Nessa perspectiva, através da observação de argumentos de Melina Ayres acerca da curricularização dos estudos de gênero em comunicação, nos indagamos se as instituições de ensino superior entendem, de fato, a importância e a necessidade de haver discussões sobre gênero no percurso acadêmico de um graduando em comunicação.

Esse questionamento foi primordial para a construção dessa pesquisa, que é fruto de uma investigação em andamento intitulada "Ser mulher e ser pesquisadora no campo da comunicação: entre papéis sociais e desigualdades na esfera do trabalho e da produtividade acadêmica"[6], apresentando um recorte acerca dos atravessamentos de gênero nos cursos de graduação em comunicação no Rio Grande do Sul. Como objetivos específicos, a discussão ora apresentada parte do levantamento das disciplinas que abordam a temática de gênero em suas grades curriculares, do mapeamento do número de professores e professoras de cada curso analisado e da contabilização de grupos de pesquisa que abordam questões de gênero.

Segundo levantamentos realizados em pesquisas anteriores, (AYRES, 2022; ALVES, 2021) os estudos de gênero nas graduações em comunicação se mostram pouco valorizados e até ausentes no currículo de diversos cursos. Partimos do princípio que o ensino e a discussão de conceitos, teorias e pesquisas sobre gênero são de suma importância para a formação acadêmica de profissionais na área da comunicação. Essa perspectiva permite ao corpo discente compreender a estruturação das relações sociais e seus impactos, bem como na formação de relações de poder e de desigualdades sociais.

[6] Projeto de pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria, que busca refletir as particularidades das relações entre gênero e ciência, com o objetivo de colaborar com a discussão no entorno dos papéis e das problemáticas de gênero na produção científica da área da comunicação no Brasil.

2. A necessidade da curricularização e discussão de temáticas "gênero e diversidade" nas universidades

Muitos cursos de comunicação, atualmente, por uma expectativa do mercado, focam sua grade curricular na valorização das práticas. Porém, o que defende-se nesta pesquisa é que tão importante quanto as práticas, são as teorias e discussões proporcionadas ao longo do percurso acadêmico de graduação - tendo em vista o caráter humanista e a responsabilidade social da profissão, uma perspectiva que

> busca estimular o desenvolvimento do cidadão e fomentar a cidadania individual e coletiva. Sua ética social é centrada no dever cívico (...). As ações de Responsabilidade Social são extensivas a todos os que participam da vida em sociedade – indivíduos, governo, empresas, grupos sociais, movimentos sociais, igreja, partidos políticos e outras instituições (MELO NETO e FROES, 2001, p.26-27).

Sendo a área da comunicação uma das mais importantes para o estudo de dimensões-chave de mudanças sociais (CALHOUN, 2012), percebe-se a relevância de estar em uma constante busca de conhecimentos e em contato com as mais diversas temáticas sociais, visto que é uma área que permeia muitas outras. Quando relacionamos gênero e comunicação, não é esta a realidade que encontramos. Melina Ayres (2022), em sua produção "A formação de jornalistas na perspectiva de gênero e diversidade: uma mudança necessária (e urgente) para a profissão" aponta para a falta de discussões sobre gênero nos cursos de graduação e ressalta a necessidade da curricularização da perspectiva de gênero e diversidade na área.

Partindo do princípio que, atualmente, o cenário das pesquisas quantitativas e qualitativas, assim como o debate sobre gênero nas universidades que possuem cursos de comunicação no Rio Grande do Sul ainda são incipientes, a criação de espaços no meio acadêmico que fomentem esses diálogos de forma transversal e interdisciplinar é de suma importância para que se construa um ambiente de trocas, que proporcione novos e

diferentes conhecimentos e aprendizados - fatores de grande valor e que fazem grande diferença na carreira de um comunicador.

Neste sentido,

> tratar sobre gênero e sexualidade, assim como outros marcadores de diferença, como raça, classe, etnia e geração, enquanto assuntos transversais, se torna outro grande desafio da empreitada assumida por nós e por um expressivo número de estudantes que aposta no Jornalismo como prática de transformação social. (BERTASSO; NASCIMENTO; GUSTAFSON. 2020, p.7)

Na perspectiva freireana, a primeira condição para que se possa assumir um ato comprometido está em agir e principalmente refletir (FREIRE, 1979). Assim, para que profissionais de comunicação possam agir e refletir sobre algo, é necessário o conhecimento e a compreensão sobre aquilo que vamos defender ou criticar. Dessa maneira, a discussão sobre desigualdades sociais e relações de poder, entre as quais estão incluídas as questões de gênero, deve ser incluída com expressividade nos componentes curriculares das universidades com cursos da área da comunicação.

Nesse sentido, partimos do princípio que muitas reflexões que visam transformações sociais devem ser fomentadas no âmbito das instituições de ensino, sejam elas de ensino básico ou superior. Um exemplo interessante para pensar este contexto, é o debate sobre racismo e cultura afro-brasileira, tornado obrigatório dentro das disciplinas que já fazem parte das grades curriculares dos ensinos fundamental e médio desde 2003 com a criação da lei 10639 Nesse contexto, se gênero é um dilema e que merece ser melhor tratado, porque não considerar a educação como um instrumento central nas universidades?

Ou até mesmo no ensino básico, assim como visa a lei supracitada, para que comece o combate a misoginia antes mesmo que os estudantes ingressarem na universidade, pois afinal, não podemos tangenciar ou desconsiderar que o ensino superior é um espaço de formação e que, para além das competências técnicas coloca o estudante em contato com visões de mundo, trocas de experiências que eram alheias a ele até então.

Melina Ayres (2022) pondera que através dos estudos de gênero e reflexões pessoais, é possível se pensar em uma comunicação mais democrática, capaz de

> questionar as relações de poder na mídia, no jornalismo e fora dele. Estimular a produção de matérias não somente pensando no lugar das mulheres enquanto jornalistas e fontes, mas evidenciar as desigualdades de gênero, raça, geração, deficiência, etc., marcando todas as relações de poder que fortalecem a desvalorização das vivências que estão fora de norma, fora do hegemônico, e buscar superá- -las. Partir de uma discussão de gênero e diversidade implica partir de outra visão de mundo, de outra forma de produzir Jornalismo. (AYRES, 2022, p. 273)

E para além de ser uma área que se relaciona constantemente com outras, a comunicação é uma interlocutora de muitas áreas, dando visibilidade a diferentes assuntos, como se dá, por exemplo, em um noticiário. Neste tipo de programa, os profissionais de comunicação entram em contato em suas diversas etapas de produção, com temáticas que, muitas vezes, são desconhecidas ou pouco conhecidas. Tomazetti (2019) afirma que:

> preocupar-se com as questões de gênero ancoradas no campo da comunicação têm relação com a inserção social de nossas pesquisas e com a relevância sociopolítica de pensar as instituições midiáticas e comunicacionais da sociedade como importantes canais de produção de saberes sobre as relações culturais generificadas. (TOMAZETTI, 2019, p. 15)

Portanto, acreditamos que mediante a curricularização dos estudos de gênero e diversidade será possível romper ou amenizar a homogeneização na mídia e, consequentemente, diminuir desigualdades, mesmo que aos poucos. Através da formação de comunicadores conscientes acerca de questões de gênero, esses valores serão adentrados na comunidade profissional e essa temática será retratada de forma responsável para a sociedade, seguindo os conceitos de lugar de fala e interseccionalidades e tendo a possibilidade de visualizar com mais sensibilidade a realidade que se está sendo mediador (AYRES, 2022).

Nesse sentido, é necessário que os comunicólogos possuam acesso à debates sobre as temáticas de gênero e diversidade para que, em seu futuro profissional, tenham uma base

de conhecimento sobre esses assuntos tão significativos na sociedade e disponham da responsabilidade necessária que é exigida para realizar sua profissão. Ayres (2022) defende que, mesmo os comunicadores sendo 'mediadores de realidades', não são capacitados para ter uma abordagem precisa quanto às questões de gênero, pois os cursos não incluem disciplinas que façam com que os estudantes reflitam sobre esse assunto (AYRES, 2022, p. 254).

Portanto, ser interlocutor de diferentes áreas exige consciência e muita responsabilidade social, ainda mais atualmente, momento no qual as redes sociais e os meios de comunicação tem tanta força e importância dentro de uma sociedade (CASTELLS, 1999). Desse modo, assuntos se espalham rapidamente entre pessoas do mundo inteiro, somente pelo poder da visibilidade e discussão de diferentes temáticas. Sendo assim, como profissionais de comunicação, espera-se que tenham certificação e conscientização daquilo que está sendo dito ou compartilhado, assim como Bertasso (2020 , p.2) vê o curso de jornalismo como uma "esfera de mediação e também de construção de sentidos, o [...] é um dos espaços sociais de consolidação e/ou transformação dos valores sociais". Se diferenciando de alguém que "vê em seu trabalho apenas a mera execução de técnicas" (IJUIM, 2009, p. 35). Sendo assim, para além de um profissional diferenciado, uma pessoa engajada em tornar, cada vez mais, a comunicação como uma ciência social.

3. Sobre a coleta de dados

O olhar crítico para a realidade social na qual estamos inseridas é um dos exercícios praticados ao longo do projeto ao qual esta pesquisa está vinculada. Portanto, buscou-se mais uma vez olhar para nosso cotidiano, dessa maneira, nos perguntando "De que forma o gênero está contemplado na formação dos cursos de Comunicação no Rio Grande do Sul?". Questão esta, que passou a nortear e inspirar nossos pensamentos em busca de respostas para essa relação existente.

Para isso, buscamos realizar uma coleta de dados acerca dos estudos de gênero em cursos de graduação em comunicação de Universidades do Rio Grande do Sul, utilizando de uma abordagem quanti-qualitativa.

Por meio dessa coleta, observamos a quantidade de professoras e professores nos cursos de graduação, a grade curricular dos cursos, analisando se há disciplinas que abordam questões de gênero e diversidade, e a existência de grupos de pesquisa em comunicação que debatam sobre essas temáticas.

O processo teve início com a seleção das universidades do Rio Grande do Sul com cursos presenciais de comunicação, sendo essas as coletadas: Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT), Universidade Feevale, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade de Caxias do Sul (UCS), Universidade Franciscana (UFN), Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Centro Universitário Cenecista de Osório (UNICNEC), Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter), Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e Universidade de Passo Fundo (UPF). Assim, foram catalogadas 16 instituições de ensino superior do RS e, por meio de seus sites institucionais, foram observados cada um dos cursos de graduação em comunicação de cada instituição. A segunda etapa da investigação teve início no final de outubro de 2023 pelas três integrantes bolsistas de iniciação científica do projeto.

Inicialmente, foram levantados dados relativos à quantidade de professores e professoras, através de uma análise manual dos quadros de discentes disponibilizados pelas próprias universidades. Estes dados foram contabilizados a partir de uma organização prévia em uma tabela. A partir desta, foi possível uma comparação mais clara entre os resultados obtidos.

A pesquisa sobre as disciplinas que englobam gênero e diversidade iniciou-se com a busca nos sites das instituições, pesquisando curso por curso em busca das estruturas curriculares de cada um (sejam elas obrigatórias ou optativas). As disciplinas coletadas também foram direcionadas a uma tabela para contabilização e compreensão dos dados.

A consulta sobre os grupos de pesquisa se deu através de busca nos sites institucionais das Universidades catalogadas, visitando as linhas de pesquisa dos cursos de Comunicação e a existência de grupos de pesquisa que abordassem as temáticas de gênero e diversidade. Após encontrar grupos com essa abordagem, foi analisada a página do Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq no Brasil, buscando entender os propósitos de cada pesquisa e suas especificidades. Os dados com o número e nome dos grupos encontrados foram organizados em uma tabela para melhor visualização.

4. Resultados

Os resultados obtidos dos processos antes explicitados, permitem uma visão sobre como a abordagem da temática de gênero e diversidade é necessária na academia e ainda possibilitam reflexões sobre as questões de gênero no campo da comunicação atualmente, direcionando um olhar crítico sobre a formação de comunicólogos em relação aos estudos de gênero.

4.1 Contagem de professores e professoras

Em relação à coleta que buscou a quantidade de professores e professoras, foi constatado que as mulheres são maioria do corpo docente, dado observado em 10 das 14 universidades catalogadas para esta etapa da pesquisa[7]. E, embora os homens representem um menor número dentro da lista de docentes dos cursos de comunicação no Rio Grande do

[7] Nesta etapa da pesquisa contabilizamos 14 universidades, pois duas das 16 não disponibilizam lista de corpo docente em seu site.

Sul, quando se trata do número de coordenadores de curso, homens e mulheres se igualam, assim, sendo contabilizado 16 homens coordenadores e 16 mulheres coordenadoras. Nesse sentido, este é um fator que nos provoca a pensar e buscar respostas sobre como o gênero se relaciona de forma tácita nos cursos de Comunicação, nas instituições de ensino superior no Estado. Embora as mulheres sejam maioria, quando se trata de posições de poder ou de destaque, as mulheres são minoria ou há uma paridade, assim refletindo o que Oliveira-Cruz e Wottrich (2021, p.7) acreditam e afirmam a partir de suas pesquisas "A maior presença das mulheres nos bancos universitários não reverbera, necessariamente, em igualdades de oportunidades".

Importante salientar que, embora muito tenha sido construído e conquistado, relacionado à trajetória das mulheres no meio acadêmico, ainda temos muito a fazer. Lembramos aqui momentos no qual a participação da mulher era bastante restrita, visto que não era permitida a participação feminina em instituições de ensino (MOREIRA, MATTOS e REIS, 2014) e que somente passou a ser identificada a partir da década de 70 (OLIVEIRA-CRUZ e WOTTRICH, 2021). Nesse sentido, atualmente, colhemos frutos de lutas passadas, mas não basta nos contentarmos com a presença das mulheres na universidade, temos de pensar em valorização, oportunidades e principalmente em permanência. Nesse sentido, nos questionarmos e irmos em busca de indagações antes nunca imaginadas, é abrir os olhos para questões que fazem parte do nosso cotidiano mas que por muitas vezes não são explicitadas ou devidamente valorizadas, assim como, questões de gênero e diversidade.

Tabela 1 - Quadro de docentes dos cursos de graduação em comunicação no Estado do Rio Grande do Sul

1- ESPM	Professoras	Professores	Total	Coordenação
Comunicação e Publicidade	18	21	39	Homem
2- FACCAT				
Publicidade e propaganda	14	9	23	Homem

Relações públicas	12	11	23	Homem
3- FEEVALE				
Jornalismo	8	5	13	Homem
Publicidade e propaganda	5	6	11	Homem
Relações públicas	9	5	14	Homem
4- PUCRS				
Jornalismo	x	x	x	Homem
Publicidade e propaganda	x		x	Mulher
FAMECOS (Artes, design e comunicação)[8]	23	33		
5- UCS				
Jornalismo	27	20	47	Homem
Publicidade e propaganda	31	19	50	Homem
Relações públicas	29	18	47	Mulher
6- UFN				
Jornalismo	30	12	42	Homem
Publicidade e propaganda	11	2	13	Mulher
7- UFPEL				
Jornalismo	13	7	20	Mulher
8- UFRGS				
Jornalismo	x	x	x	Mulher
Publicidade e propaganda	x	x	x	Homem
Relações públicas	x	x	x	Mulher
FABICO (Biblioteconomia e Comunicação)[9]	52	24	78	
9- UFSM				
Jornalismo	12	6	18	Homem

[8] Neste caso, foram considerados professores e professoras de toda FAMECOS, por não estar disponível a tabela de docentes individuais dos cursos de comunicação.
[9] Neste caso, foram considerados professores e professoras de toda FABICO, por não estar disponível a tabela de docentes individuais dos cursos de comunicação.

Produção Editorial	13	5	18	Homem
Publicidade e propaganda	9	8	17	Mulher
Relações públicas	21	8	29	Mulher
10- UNICNEC				
x	x	x	x	x
11- UNIJUI				
Jornalismo	6	1	7	Mulher
Publicidade e propaganda	4	2	6	Mulher
12- UNIPAMPA				
Jornalismo	5	5	10	Homem
Relações públicas	7	5	12	Mulher
13- UNIRITTER				
x	x	x	x	x
14- UNISC				
Jornalismo	7	7	14	Homem
Publicidade e propaganda	7	7	14	Homem
15- UNISINOS				
Jornalismo	8	8	16	Mulher
Publicidade e propaganda	6	4	10	Mulher
Relações públicas	23	17	40	Mulher
16- UPF				
Jornalismo	4	4	8	Mulher
Publicidade e propaganda	8	9	17	Mulher

Fonte: elaborado pelas autoras

4.2 Grades curriculares

No que se refere às grades curriculares, foram analisados 32 cursos ao total, sendo que duas (UNICNEC e UNIRITTER), das 16 instituições, não disponibilizam as grades curriculares em seus sites institucionais. Destes, 16 cursos possuíam pelo menos uma

disciplina relacionada a gênero ou diversidade, que é o caso de cursos da FEEVALE, PUCRS, UFPel, UFRGS, UFSM, UNIJUÍ, UNIPAMPA e UPF.

Apesar de metade dos cursos analisados possuírem essas disciplinas, apenas três delas fazem parte do currículo obrigatório do curso, sendo que nenhuma delas tem ligação direta com gênero, apenas com questões de diversidade. Nesse quesito, está o curso de Relações Públicas da FEEVALE, com a disciplina "Educação, Diversidade e Direitos Humanos"; o curso de Publicidade e Propaganda da PUCRS, com a disciplina "Comunicação para a Diversidade e Impacto Social"; e o curso de Relações Públicas da UNIPAMPA, com a disciplina de "Comunicação, cidadania e diversidade".

Outro ponto analisado foi em relação às universidades que ofertam disciplinas de gênero e diversidade a todos os seus cursos de comunicação. Esse caso só ocorre em 5 instituições, sendo elas a Universidade FEEVALE, UFPel, UFRGS, UFSM e UNIJUÍ.

Partindo da definição do campo acadêmico da Comunicação como "um conjunto de instituições de nível superior destinadas ao estudo e ao ensino da comunicação e onde se produz a teoria, a pesquisa e a formação universitária das profissões de comunicação" (LOPES, 2003, p. 278) entendemos que a universidade deveria, enquanto formadora de profissionais da comunicação, estar preparada para apresentar e discutir as desigualdades que existem tanto dentro do campo científico, quanto na sociedade em si.

Os dados que obtemos com a pesquisa nos permitem pensar, com ainda mais certeza, na necessidade da curricularização da temática "gênero" nos cursos de graduação em comunicação no Estado do Rio Grande do Sul. Visto que, até o momento, é uma questão que pode passar despercebida durante a formação de muitos comunicadores por existirem poucas disciplinas que abordam, especificamente, o tema gênero e que, além disso, também não é uma disciplina obrigatória para o curso.

Tabela 2 - Quadro de disciplinas que se relacionam a gênero, disponíveis nos cursos de graduação em comunicação no Estado do Rio Grande do Sul

1- FEEVALE	DISCIPLINA	TIPO
Jornalismo	Educação, Diversidade e Direitos Humanos	Optativa
Publicidade e propaganda	Educação, Diversidade e Direitos Humanos	Optativa
Relações públicas	Educação, Diversidade e Direitos Humanos	Obrigatória
2- PUCRS		
Jornalismo	x	
Publicidade e propaganda	Comunicação para a Diversidade e Impacto Social	Obrigatória
3- UFPEL		
Jornalismo	Relações de Gênero e Comunicação	Optativa
4- UFRGS		
Jornalismo	Diversidade e Desenvolvimento Humano	Optativa
	Seminário de Comunicação, Gênero e Sexualidade	Optativa
Publicidade e propaganda	Comunicação Publicitária, Gênero e Sexualidade	Optativa
	Seminário de Comunicação, Gênero e Sexualidade	Optativa
Relações públicas	Gênero e Políticas Públicas	Optativa
	Seminário de Comunicação, Gênero e Sexualidade	Optativa
5- UFSM		
FACOS (Jornalismo, Produção Editorial, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas)	Comunicação e Gênero	Optativa
	Diversidade e Inclusão Nas Organizações	Optativa
6- UNIJUI		
Jornalismo	Direitos Humanos e Diversidade na Sociedade Contemporânea	Optativa
	Saúde, corpos, sexualidades e gêneros	Optativa
Publicidade e propaganda	Direitos Humanos e Diversidade na Sociedade Contemporânea	Optativa

	Saúde, corpos, sexualidades e gêneros	Optativa
7- UNIPAMPA		
Jornalismo	x	
Relações públicas	Comunicação, cidadania e diversidade	Obrigatória
8- UPF		
Jornalismo	x	
Publicidade e propaganda	Gênero, Etnia e Sexualidade	Optativa

Fonte: elaborado pelas autoras

4.3 Grupos de pesquisa

No que diz respeito aos grupos de pesquisa, verifica-se a existência de apenas cinco que estudam a temática de gênero e diversidade. Na FEEVALE, o grupo de pesquisa 'Criança na Mídia: Núcleo de Estudos em Educação, Comunicação e Cultura' busca relacionar as questões de gênero relacionadas à infância em um contexto de cultura midiática. Na PUCRS, o 'Grupo de Pesquisa Televisão e Audiência' estuda as questões de gênero em conformidade com as mídias de massa, analisando as audiências em um contexto de convergência digital, mapeando públicos e discutindo sobre seus comportamentos. Na UFPEL, o 'Núcleo de Estudos de Gênero, Sexualidade e Comunicação' estuda as representações de gênero aplicadas a discussões históricas e culturais, com debates e reflexões sobre as questões de gênero e sexualidade na comunicação. Na UFSM, o grupo de pesquisa 'Comunicação, Gênero e Desigualdades' - grupo a qual essa pesquisa faz parte - trabalha as questões de gênero baseadas em relações de poder, com análise da comunicação como espaço de observação de representações de gênero. Na UNIPAMPA, o grupo de pesquisa 'Inventaria - Comunicação, Arte e Cultura' procura discutir as relações entre comunicação e consumo por meio de aspectos históricos e análises do contexto midiático contemporâneo.

No entanto, atenta-se para o fato de que desses grupos de pesquisa, em apenas dois as questões de gênero são parte do objetivo central da pesquisa, o 'Núcleo de Estudos de Gênero, Sexualidade e Comunicação' e o 'Comunicação, Gênero e Desigualdades'. O primeiro grupo, da UFPel, centra seus estudos em "compreender o conceito do gênero e sexualidade em diferentes áreas do conhecimento" e o segundo, da UFSM, busca "pensar o gênero como categoria analítica e processo social que se constitui a partir de relações de poder e diferença, sendo a comunicação um espaço privilegiado para observar tanto as representações de gênero cristalizadas socialmente, quanto os movimentos de resistência e de transformação oriundos da interação das audiências com a mídia."

Enquanto nos outros três, 'Criança na Mídia: Núcleo de Estudos em Educação, Comunicação e Cultura', 'Grupo de Pesquisa Televisão e Audiência' e 'Inventaria - Comunicação, Arte e Cultura', as questões de gênero são tangenciadas, não fazendo parte do objetivo central das pesquisas.

Nesse sentido, verifica-se que embora as questões de gênero e diversidade sejam abordadas, urge a necessidade de pensar essas discussões de maneira mais variada, trazendo novas perspectivas pensando na relação entre comunicação e gênero.

Observa-se que existem poucos grupos de pesquisa em comunicação que se alinhem com as questões de gênero, alertando para o fato de que não há incentivo para pesquisa dessa temática nas universidades do Rio Grande do Sul, exibindo a escassez dos debates sobre o assunto no âmbito acadêmico da comunicação. A pesquisa sobre gênero na área da comunicação, conforme afirmado por Tomazetti (2019), é crucial devido ao fazer empírico da comunicação, com práticas voltadas à sociedade e base teórica direcionada a questões sociais e culturais, como a semiótica e estudos culturais, por exemplo. Dessa forma, reconhece-se que os estudos de gênero em comunicação são necessários para complementar essa base e o fazer comunicacional.

Ayres argumenta que, a partir de um espaço formal de discussão em assuntos de gênero e diversidade dentro das Universidades, é possível educar os acadêmicos com

conteúdos para além do técnico, fazendo com que questões de vivências, privilégios e representações sejam atreladas ao seu fazer profissional (AYRES, 2022).

Nesse sentido, atenta-se para a importância da curricularização das temáticas de gênero nas Universidades gaúchas, que propiciaria a criação de outros grupos de pesquisa com a temática alinhada às questões de gênero e diversidades. Assim, com o aumento de debates sobre tais assuntos e conscientização dos estudantes sobre essas questões sociais que os cercam, mais produções acadêmicas e estudos direcionando a comunicação à gênero e diversidade seriam elaborados nas Universidades do Rio Grande do Sul.

5. Considerações Finais

Ana Carolina Escosteguy e Márcia Messa (2008, p. 28) já afirmavam que "estudar a comunicação sob uma perspectiva de gênero é, sem dúvida, um grande desafio", mas para além de compreender o fato de que a pesquisa sobre essa temática na comunicação é uma atividade desafiadora, é necessário que exista incentivo a ela, que haja estímulo aos estudos de gênero e diversidade, devido a serem pautas importantes no âmbito da comunicação, criando assim, diálogos interseccionais.

Enquanto área interdisciplinar, a (BARROS, 2002), a Comunicação permite que os debates em sala de aula não se restrinjam na base teórica comunicacional apenas, possibilitando discussões amplas que incluam e abordem outras questões das sociais aplicadas. Além disso, enquanto instrumento de mudança social, é imprescindível para estudos de gênero e diversidade, possibilitando debates e práticas alinhadas a essas questões.

É assim que, observado a necessidade e importância das discussões sobre a temática de gênero e diversidade, alerta-se para o principal argumento defendido nesta pesquisa: a curricularização das temáticas de gênero. É através dessa realização que os debates e estudos de gênero na comunicação serão ampliados e aprofundados na área, possibilitando

maiores perspectivas acadêmicas acerca desse assunto.

Observa-se, principalmente, depois da análise dos dados levantados nesta pesquisa que, persiste uma falta de valorização deste tema que é imprescindível na carreira acadêmica dos profissionais de comunicação. Dados estes, que nos ajudaram a perceber que, embora muito tenha sido conquistado até aqui, ainda precisamos impulsionar, valorizar e dar ainda mais visibilidade à temática de gênero dentro do campo da comunicação.

Sendo assim, compreendemos que, além dos fatores mencionados anteriormente, é importante salientar e pôr em evidência a perspectiva do Rio Grande do Sul nas pesquisas de gênero em universidades com cursos de comunicação que, por sua vez, apontam para uma escassez de repertórios, a partir de um número reduzido de disciplinas e grupos de pesquisa. Assim como a questão das professoras e professores, que demonstra de forma prática como o gênero se relaciona no cotidiano de cada universidade.

A partir dessa perspectiva, entendemos que os motivos evidenciados por Ayres (2022) para a incorporação de disciplinas que conversem sobre gênero e diversidade com os estudantes na graduação são genuínos e correspondem às razões de termos encontrado números tão baixos em nossa coleta. Assim, explicitando uma desvalorização sobre essas temáticas.

Por essa razão, nossa coleta de dados segue em desenvolvimento, a fim de aprimorar seus resultados e para avaliar como são discutidas as questões de gênero em outros parâmetros dentro dos cursos de comunicação das universidades gaúchas. Para que ainda mais questionamentos sejam respondidos e para que cada vez mais gênero seja uma temática debatida e valorizada como uma área importante e de grande valor dentro da comunicação e dentro do meio acadêmico.

Referências

ALVES, Andrea Moraes. Ensinando Gênero na Universidade. Anuário Antropológico, v. 46, n. 1, p. 11-22, 2021.

AYRES, Melina de la Barrera. A formação de jornalistas na perspectiva de gênero e diversidade: uma mudança necessária (e urgente) para a profissão. *In*: OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de; MIGUEL, Raquel de Barros Pinto; JANUÁRIO, Soraya Barreto (Orgs.). **Feminismos, mídia e subjetividades**. Santa Maria/RS: FACOS-UFSM, 2022, p. 251-276.

BARROS, Antonio Teixeira de. A Natureza Interdisciplinar da Comunicação e o Novo Cenário da Produção de Conhecimento. C.Legenda. 2002

BERTASSO, Daiane; NASCIMENTO, Fernanda; GUSTAFSON, Jessica. Jornalismo e gênero: a emergência de uma disciplina e um relato de docência compartilhada. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p.1-9, 2020.

CALHOUN, Craig. Comunicação como Ciência Social (e mais). **Intercom** – RBCC São Paulo, v.35, n.1, p. 277-310, jan./jun. 2012

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; MESSA, Márcia Rejane. Os estudos de gênero na pesquisa em comunicação no Brasil. Comunicação e gênero: a aventura da pesquisa, v. 4, p. 65-82, 2008.

FREIRE, Paulo. O compromisso do profissional com a sociedade. FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra (1983)

IJUIM, Jorge Kanehide. A Responsabilidade social do jornalista e o pensamento de Paulo Freire. Em Questão, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 31 - 43, jul./dez. 2009

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Sobre o estatuto disciplinar do campo da Comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.

MELO NETO, Francisco P.; FROES, César. Gestão da Responsabilidade Social Corporativa: o caso brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004

MOREIRA, Josilene Aires; MATTOS, Giorgia de Oliveira; REIS, Luana Silva. Um Panorama da Presença Feminina na Ciência da Computação. **18º REDOR**. 2014

OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de; WOTTRICH, Laura. QUANDO A DESIGUALDADE MORA NOS DETALHES: engendramentos das relações de gênero no campo da Comunicação.

XXX Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo - SP, 27 a 30 de julho de 2021

OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de; WOTTRICH, Laura. (2023). Desigualdades de gênero no subcampo científico da comunicação: o teto de vidro no quintal. ***MATRIZes***, *17*(1), 141-163. https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v17i1p141-163

TOMAZETTI, Tainan Pauli. Genealogias dissidentes: os estudos de gênero nas teses e dissertações em comunicação do Brasil (1972-2015). 2019.